

ECONOMIA - BRASIL

REAL EM QUEDA

Porta-voz de Bush desautoriza secretário do Tesouro que alimentou o pânico dos mercados ao negar ajuda ao Brasil

O'Neill, o bombeiro que acende fogueiras

Armando Mendes

Da equipe do **Correio**

Com agências internacionais

Com um amigo como Paul O'Neill, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, o Brasil (e a Argentina) não precisam de inimigos. O'Neill conseguiu quebrar ainda mais a confiança dos mercados financeiros no Brasil ao dizer no domingo, em entrevista ao canal de televisão Fox News, que não ofereceria apoio aos dois países quando visitá-los na próxima semana.

O secretário também deu razão aos críticos que apontam sua extrema inabilidade política ao sugerir que dinheiro novo emprestado aos dois países seria desviado para contas na Suíça. A declaração de O'Neill foi lida como um veto a novo acordo com o Fundo Monetário Internacional, no momento em que uma missão do governo brasileiro ia a Washington negociar com a direção do FMI um novo pacote de ajuda ao país (leia textos na página 9).

O mercado respondeu desvalorizando ainda mais o real e piorando dramaticamente os indicadores brasileiros na segunda-feira. Para os investidores em pânico, sem dinheiro do FMI o governo brasileiro não terá como resistir à turbulência provocada pela crise de confiança na economia mundial, agravada pela incerteza eleitoral no Brasil.

O susto dos mercados e a reação da diplomacia brasileira (leia texto abaixo) forçaram o porta-voz do presidente George W. Bush, Ari Fleischer, a desdizer ontem o que o secretário do Te-

souro dissera no domingo. "O Brasil é um amigo e aliado importante, e o presidente e este governo têm grande confiança no país e em sua equipe econômica", afirmou Fleischer.

"O Brasil já mostrou capacidade para usar efetivamente a ajuda financeira internacional e adota políticas econômicas sólidas. Os Estados Unidos continuarão a apoiar a assistência financeira internacional ao Brasil", concluiu o porta-voz de Bush.

A cambalhota americana pode dar um salva-facé diplomático à visita de O'Neill e à missão brasileira que seguiu ontem para Washington. Mas o estrago nos mercados está feito. E Paul O'Neill consolida a imagem de político que fala demais e não mede as consequências do que diz.

O secretário do Tesouro enquadra-se perfeitamente na cartilha isolacionista e ultra-conservadora do atual governo americano. Bill Clinton, o último presidente democrata, chamou para sua equipe economistas conceituados e executivos com experiência financeira global, que enfrentaram ativamente as grandes crises internacionais dos anos 90, liderando pacotes internacionais de ajuda ao México, à Rússia e ao Brasil, entre outros países.

Já George W. Bush prefere cercar-se de ativistas anti-governo e ideólogos da direita republicana que põem o bem-estar da grande empresa acima de qualquer outra consideração, enquanto fazem apelos populistas ao americano médio. O'Neill, por exemplo: é um multimilionário ex-executivo-chefe da Alcoa, uma das maiores empresas mundiais de alumí-

nio, conhecido por defender políticas radicais de redução do papel do Estado na economia.

O secretário gostaria que as empresas fossem totalmente isentas do Imposto de Renda e de impostos sobre o capital. E já atacou o próprio conceito de Previdência Social pública — quem quiser que poupe para enfrentar suas necessidades na velhice, sugeriu ele.

No governo, O'Neill nunca escondeu a propensão a ignorar crises internacionais. Antes da declaração de domingo, tinha ficado famosa a frase com que se propusera a ajudar a Argentina em agosto passado: "Estamos trabalhando para criar uma Argentina sustentável, não uma que continue a consumir dinheiro dos carpinteiros e encanadores americanos que se perguntam que diabos estamos fazendo com seu dinheiro".

Apenas um mês antes, em julho de 2001, O'Neill tinha produzido outra de suas tiradas irresponsáveis, afirmando à revista britânica *The Economist* que a crise argentina era um problema localizado num país irrelevante que havia escolhido seus próprios problemas. "Vocês acham que alguém vai se lembrar disso daqui a cinco anos?", perguntou retoricamente.

Como desta vez, o secretário acabou obrigado a engolir suas palavras diante da realidade incontornável de que as crises financeiras são globais. E os Estados Unidos, por menos que ele goste disso, não podem ignorá-las como se não fossem o país mais poderoso e a maior economia do planeta.

O QUE ELE DISSE

"(Brasil, Argentina e Uruguai) precisam implantar políticas que garantam que o dinheiro auxiliar trará benefícios e não simplesmente sairá do país para contas na Suíça"

EM 28 DE JULHO DE 2002

"Estamos trabalhando para encontrar uma Argentina sustentável, não uma Argentina que continue a consumir dinheiro dos carpinteiros e encanadores norte-americanos"

EM 16 DE AGOSTO DE 2001

PAUL O'NEILL

Secretário do Tesouro norte-americano

